

MUITO RISO . . .

28. II. 53

RAUL PILLA

CENSURA o leitor de um dos matutinos cariocas o aspecto risonho com que se exibem os nossos governantes, a começar pelo sr. presidente da República.

Realmente, é a função de governar das mais graves, talvez a mais grave que ao homem é dado exercer. Sentir sobre si a responsabilidade do destino de milhares ou de milhões de criaturas não pode predispor ao riso fácil. E, se a situação do País é a que todos nós sabemos e dia a dia se agrava, o muito riso raia pela inconsciência.

Por que riem os governantes, quando a miséria campeia por toda a parte? Ora, riem, porque o rir é próprio do homem, de acordo com a sentença clássica do escritor francês. E riem, também, porque todos os dominadores riem: riem do povo que subjagam pela força, pela astúcia e pela ignorância. E riem, sobretudo, porque necessitam sentir-se e mostrar-se senhores de si e seguros do seu poder. O povo pode chorar, mas eles precisam rir, para não chorar com o povo.

Aí tem o leitor do matutino, porque tanto riem os nossos governantes. Tem havido, é certo, senhores de torva catadura. Mas uma época, como a nossa, em que o despotismo assenta necessariamente na massa, tornou-se indispensável o riso na tragi-comédia do poder.

Riam, portanto, os que podem, enquanto não chega a hora de chorar.